

Publicações do Centro de Estudos Bahianos

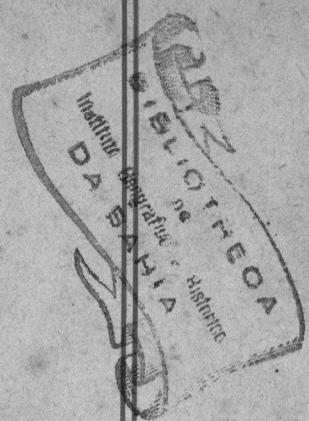
- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Profa. Anfrisia Santiago. *Esgotado.*
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil — (Docs. de 1733) — Affonso Ruy — *Esgotado.*
- 3 — Um discurso de Silvio Romero — José Calasans — *Esgotado.*
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss. *Esgotado.*
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser.
- 6 — O Caeau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss. *Esgotado.*
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Alberto Silva — *Esgotado.*
- 8 — Um Depoimento Diplomático (correspondência do consul americano da Bahia — 1821 — 1823) Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Affonso Ruy.
- 10 — O Processo dos Eclesiasticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — *Esgotado.*
- 11 — Estadistas Baianos do Império — Affonso Ruy.
- 12 — Um Documento Inédito Sobre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva.
- 13 — Padroeiros da Cidade do Salvador — José Lima — *Esgotado.*
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — Jose Calasans. *Esgotado.*
- 15 — Sobre a Campa Brasonada no Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um diário Inédito Sobre a Bahia — Alberto Silva.
- 17 — Construções Navais da Bahia no Século 17 — O Galeão "Nossa Senhora do Populo" — Luiz Monteiro da Costa — *Esgotado.*
- 18 — Contribuição ao estudo das Sesmarias — Waldemar Mattos.
- 19 — Contribuição ao estudo dos morgados em Portugal e no Brasil Cid Teixeira.
- 20 — O Forte que foi arrematado em hasta publica — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um agitador baiano: Cipriano José Barata — Affonso Ruy
- 22 — Contribuição ao estudo do ciclo de festas tradicionais da Bahia — Antonio C. Brochado Príncipe.
- 23 — O Pregoeiro da Republica (Virgilio Climaco Damasio) — Antonio de Araujo de Aragão Bulcão Sobrinho.
- 24 — A Bahia de 1676 vista por um médico francês — Arnold Wildberger.
- 25 — Crônicas da Bahia — Antonio Viana.
- 26 — Esplendor e agonia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902) — Arquimedes Pereira Guimarães.

Toda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto n.º 9 — Salvador — Bahia



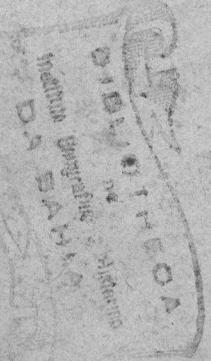
Instituto Geográfico Histórico da Bahia

Centro de Estudos Bahianos



JOSE CALASANS

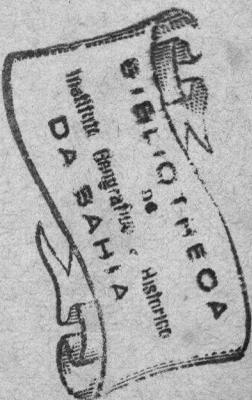
Achegas ao Estudo do Romanceiro Político Nacional



PUBLICAÇÃO

SALVADOR — BAHIA

27



ACHEGAS AO ESTUDO DO ROMANCEIRO POLÍTICO NACIONAL

José Calasans

1 — Os folcloristas registam, no *romanceiro* de todos os povos, a presença de apreciável número de composições relativas a acontecimentos sociais e políticos. Dentro no quadro do folclore poético, essas produções estão situadas em capítulo especial, que bem pode ser denominado — *romanceiro político*.

O conhecimento, mesmo superficial, desse *romanceiro* está a indicar que nêle se encontram, além das características comuns ao *romanceiro geral*, certas notas especiais, particulares, típicas, as verdadeiras tendências do *cancioneiro popular histórico*, merecedoras de pesquisas e interpretações. Tentaremos estudá-las, neste trabalho despretencioso, que outros pesquisadores, melhormente aparelhados, deverão criticar, ampliar, refundir. De nossa parte ficará, tão somente, a iniciativa da caminhada pelas estradas ainda pouco conhecidas do folclore histórico do Brasil.

2 — Parece-nos ter sido *Araripe Junior*, um dos precursores do nosso folclorismo, o primeiro escritor a despertar atenção dos estudiosos para os versos populares concernentes a fatos da vida social e política do Brasil. "Nos tempos das convulsões políticas", escreveu êle numas notas fornecidas a Sílvio Romero sôbre o folclore cearense, "a musa popular não foi insensível aos acontecimentos. As classes oprimidas tiveram ocasião de derramar sua bilis contra *corundas e marinheiros* e fazer a apoteose dos vultos mais simpáticos, cuja força admiravam. *Filgueiras* foi para eles um *Roldão* e *Labatut* e *Pinto Madeira* uns ogres, uns *judeus*" (1). Em abono de sua afirmação, o ilustre crítico nordestino remeteu ao seu confrade ser-

1) Romero (Sílvio) — Estudos sôbre a poesia popular no Brasil. Tipografia Laemmert & Cia. — Rio — 1888 — pag. 209.

gipano duas peças populares recolhidas no Ceará, intituladas "O Filgueiras" e "Conversa política", versando temas dos primeiros tempos da Independência (2).

3 — Partindo, possivelmente, da informação de *Araripe*, assinalou *Silvio Romero*, na "Revista Brasileira", onde apareceram, em 1879-1880, os resultados de suas primeiras pesquisas folclóricas, em que, no *cançãoeiro popular do Brasil*, figuravam poesias referentes a eventos de nossa história social e política. Ouçamo-lo: "Num estudo aprofundado da nossa poesia popular seria mister fazer escavações sobre os nossos movimentos políticos e sociais. Pelo que temos podido indagar, estamos certos que movimentos revoltosos que são conhecidos na história com os nomes de *Guerra da Independência* e posteriormente a *Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul*, a dos *Cabanos e Balaios no Maranhão e Piauí* (sic) e a recente *Guerra do Paraguaí* produziram uma certa corrente de composições populares. Disto coligimos provas diretas ainda que de pequeno porte" (3).

4 — O trecho transcrito não deixa dúvida que *Silvio* admitira a existência de um cançãoeiro popular, especialmente dedicado aos fatos e feitos da história nacional, embora o considerasse de reduzidas proporções e fraca inspiração, resultante, no seu modo de julgar, do atraso da "mente popular em nossa Pátria e na antiga Metropole" (4). Mui criteriosamente, o autor de "História da Literatura Brasileira", não tendo obido farto material sobre o assunto, deixou de tecer considerações especiais, sugerindo, porém, que, no período colonial, deveriam os pesquisadores procurar manifestações da musa anônima rememorando fases do nosso evoluer histórico. "Parece-nos", comentou o publicista, "que resta fazer uma indagação particular relativa a alguns aspectos dos tempos coloniais. A *Guerra dos Holandeses e dos Mascates* devem ter sido fonte de inspirações anônimas e tradicionais. Pelo que toca aos *Bandeirantes*, envidamos esforços para conseguir alguma coisa e nada obtivemos.

- 2) Romero (Silvio) — op. cit. 222 e 229.
- 3) Romero (Silvio) — op. cit. 351. Os artigos da "Revista Brasileira" vieram a constituir o livro "Estudos sobre a poesia popular no Brasil".
- 4) Romero (Silvio) — op. cit. 230.

Fizemos, há meses um apelo aos paulistas e a única resposta que recebemos foram estas palavras de alguém dali: Foi publicada a sua carta sobre a "Poesia dos Bandeirantes" na *Provincia* e dias depois reproduzida na *Tribuna Liberal*. Creio porém, que nada conseguirá. Consultei um velho amador de curiosidades literárias, o Dr. Paulo do Vale e este declarou-me não lhe constar haver coisa alguma neste sentido. Declarou-me também que nunca ouviu falar em semelhante coisa nesta província; e é convicção sua que os *Bandeirantes* jamais tiveram canções próprias, porque eram gente que mais tratava de descobrir ouro do que importar-se de poesia" (5). O malôgro da pesquisa não desanimou *Silvio Romero*, que concluiu, esperançoso: "Nossa indução recebeu, por enquanto, na prática um dementido. Conservamos, porém, em pé o problema e mantemos o nosso apelo. Talvez futuros investigadores confirmem as nossas suspeitas" (6). *Silvio* lançava, evidentemente, os primeiros fundamentos teóricos do nosso *romanceiro histórico*.

5 — Em 1903, *Alfredo de Carvalho*, num estudo crítico ao *Cançãoeiro do Norte*, de *Rodrigues de Carvalho*, lamentando que o livro apresentasse poucas produções a respeito dos acontecimentos históricos, formulou interessantes observações sobre a matéria, sugerindo que bem se poderia organizar, com as estrofes dos poetas anônimos, uma verdadeira história do Brasil, de caráter nitidamente popular, digna de aparecer ao lado da história oficial e erudita. Cuidando das poesias histórico-políticas, opinou êle, nas páginas da "Revista da Academia Cearense": "se as possuíssemos completas, numa seriação contínua e ininterrupta, teríamos nestas veralhadas comemorativas, ao lado de história dos autores cultos, outra curiosa e inteligente história popular, desfiando-se num rosário encantador de legendas pitorescas todas as fases da nossa evolução" (7). Reconhecia, porém, a dificuldade, senão mesmo a impossibilidade, de ser levada a bom termo a tarefa em virtude de escassez de documentos no que tange ao período colonial. "Infelizmente", são palavras de *Alfredo de Carvalho*, "delas nos restam apenas es-

- 5) Romero (Silvio) — op. cit. pag. 351
- 6) Romero (Silvio) — op. cit. pag. 352.
- 7) Bandeira (Dolor) — História da Literatura Cearense — Fortaleza 1951 — 2.º tomo — pag. 114.

casos fragmentos de época relativamente próxima. Entretanto, é supôr, com toda a plausibilidade, já no século do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrondosos das lutas contra os índios; mais tarde, certamente, os feitos épicos da guerra holandesa forneceram assunto abundante às canções do povo; tudo, porém, jaz irrevogavelmente sepultado para sempre no inviolável silêncio do passado. E é pena terem-nas os velhos cronistas desdenhado." (3)

6 — *Alfredo de Carvalho* vinha completar e em certo ponto dar ênfase ao pensamento que *Silvio Romero* expusera no século passado. Ganhava adeptos, portanto, a tese da existência do nosso *cancioneiro popular histórico*. Surpreendentemente, porém, em 1911, *Silvio Romero* assumiu nova posição, negando o interesse dos poetas populares pelos temas políticos, o que representava, logicamente, a negação do próprio *cancioneiro*. "Um fato digno de estudos", começou *Silvio*, "observamos sempre nas investigações a que procedemos no terreno do folclore nacional: a falta de criações relativas aos acontecimentos da nossa história e da nossa política. Não nos referimos é claro, à ausência das criações mitológicas ou sequer heróicas, de gênero das primitivas inspirações arianas da espécie daquelas, a cujo numero pertencem os *Vedas*, o *Ramaina*, a *Iliada*, os *Edas*, os *Nibelungem*, o *Mobriogion*. Deste gênero nem o próprio Portugal nem a mesma Espanha os possuem". E, logo após: "A falta que notamos no *cancioneiro brasileiro* é a de simples referência aos mais notáveis fatos da nossa história social e política e aos homens representativos mais eminentes" (9). Noutro trecho do artigo citado, *Silvio Romero* afirmou, categoricamente: "Temos por assentado, pois, que nem as cenas do povoamento primitivo do país nos séculos XVI e XVII, nem as façanhas dos bandeirantes, nem as lutas dos *Mascates* e *Emboabas*, nem as guerras da *Cisplatina*, do *Prata* e do *Paraguai* — determina-

- 8) *Bandeira (Dolor)* — op. cit. pag. 115.
9) *Romero (Silvio)* — *Historia da Literatura Brasileira* — vol. I 3.ª ed. pag. 153. O artigo foi publicado, inicialmente, na "Revista Brasileira", n.º de abril de 1911, sendo republicado na 3.ª ed da *Historia*, no capítulo "Novas contribuições para o estudo do folclore brasileiro".

ram a produção de ciclos poéticos às musas populares. Pelo que toca à última dessa guerras, houve aí durante algum tempo uma espécie de rapsodista Santana — que cantava rudes estrofes da sua lavoura, relativas aos feitos daquela campanha. Andavam em folhetos e pertencem claramente ao gênero *literatura de cordel*, como o *Testamento do Galo* e outros produtos análogos. Não é genuína poesia popular" (10). No intuito de comprovar suas assertivas, o dedicado defensor de *Tobias Barreto* inventariou as peças que conseguira reunir até aquele momento, tencionando deixar claro que o documentário folclórico existente era deveras bem pequeno. Além dos versos *Araripe Junior* colhida, apresentou algumas quadras referentes a Pedro II e seu tempo, duas trovvas a respeito de *Deodoro* e finalmente uma tratando da luta entre *Floriano Peixoto* e *Custódio José de Melo*. Muito pouco, em verdade. Absolutamente nada que recordasse *Palmares*, *Emboabas*, *Mascates*, *Inconfidência Mineira*, *Farrapos*, *Revoluções de 1817 e 1848*. "A dos *Farrapos*, no Rio Grande do Sul", bradou *Silvio Romero*, "apesar de se haver protraído por perto de 10 anos, não deu origem a um ciclo de poesia popular. Em 1879 encomendamos a nosso grande e saudoso amigo *Carlos de Kozertiz* fazer estudos e colheita da poesia popular rio-grandense para incluir na coleção dos *Cantos Populares do Brasil* que andávamos preparando. Entre muitas quadrinhas que nos enviou, nada encontramos acerca da famosa revolução" (11). Convencido da pequenez do "romanceiro político", *Silvio* procurou explicar suas causas. "Qual a razão dessa pobreza, desse quase nulo da inspiração anônima do povo brasileiro, pelo que toca a sua história política", indagou êle. E respondeu, convicto: "A resposta não é difícil. — Desde os primeiros tempos da constituição de nossas populações, estas se viram sempre segregadas em grupos, esparças e separadas entre si. Circunstância esta já por si suficiente para dificultar a formação de uma consciência coletiva, um vivaz

- 10) *Romero (Silvio)* op. cit. pag. 154. O poeta popular mencionado era João Santana de Maria. Além da "Guerra do Paraguai", escreveu "O imposto do vinho", "O celebre chapu de Sol", "A seca do Ceará", "Os maçons e os Bispos" e outros trabalhos. Vide *Basilio de Magalhães, O folclore no Brasil* — Rio — Imprensa Nacional — 1939 pg. 13.
11) *Romero (Silvio)* — op. cit. pag. 159.

sentimento de nacionalidade. Não foi só isto: :uma administração compressora e rapace habitou o nosso povo, desde suas origens, a considerar com maus olhos a governança e tudo que com ela se relaciona. Os chamados aspectos políticos não podiam escapar a êsse desprestígio, a essa falta de simpatia. As massas mais incultas, que são as que produzem o folclore, nunca se acharam entre nós presas de grandes paixões gerais, dessas que abalam de alto a baixo a alma dos povos" (12).

7 — Estaria certo, agora, *Silvio Romero*? Pensamos que não. E é na própria obra do ilustrado crítico que iremos buscar os elementos formadores do nosso ponto de vista a respeito da proposição. Afiançamos, desde logo, que *Silvio* possuía, ao tempo em que publicou as "contribuições", dados folclóricos que bem o poderiam levar a conclusões mais otimistas e verdadeiras a propósito do *romanceiro político*. Vejamos. Falando da *Guerra dos Farrapos*, *Silvio Romero* declarou que nenhuma referência encontrara sobre o fato entre as inúmeras trovas gauchas coletadas, a seu pedido, por *Koseritz*. Lamentável equívoco. Na 1.ª edição dos *Cantos Populares do Brasil*, coletanea organizada por *Silvio Romero*, publicada em Lisboa, no ano de 1883, com prefácio e notas de *Teófilo Braga*, estão incluídas quadras recolhidas por *Carlos de Koseritz* concenentes a vultos da campanha farroupilha. Ei-las:

- 1 — Francisco Pedro de Abreu
Primeiro dos legalistas
Defensor de sua pátria
E terror dos anarquistas
- 2 — Senhor Neto deixe o povo
Não se meta a capadócio
Vá cuidar dos parrelheiros
Que fará melhor negócio
- 3 — Senhor Neto não deixa o povo
Nem vai cuidar dos parrelheiros
Que tem para seu andar
Silva Tavares e Medeiros

12) Romero (Silvio) op. cit. pag. 162.

- 4 — Hei de mandar escrever
Por montanhas e desertos
Com letras d'ouro o nome
Antonio de Souza Neto (13)

Na segunda edição dos "Cantos", aparecida no Rio, em 1897, figura, apenas, na "silva de quadrinhas riograndeses", a trova acima registrada sob numero 2, com ligeiras modificações, onde Neto passou a ser *Neco* (14).

Poder-se-ia dizer, em defesa de *Silvio Romero* que, em 1911, êle releira somente, para escrever o artigo que estamos discutindo, a edição mais recente do seu livro e não identificara o herói *Antônio de Souza Neto* naquele *Neco* da trova anônima. Seria, de feito, uma explicação aceitável. Infelizmente, porém, outras provas demonstramos que evidenciavam a pouca sorte do grande folclorista no tratar a matéria. Não ficará de pé, por exemplo, sua asserção no que tange à Independência. Ele dispunha, sobre esse fato histórico, de elementos idôneos para juntar ao inventário folclórico que levantou. Não é conjectura nossa. *Melo Morais Filho* publicou, em 1901, com prefácio de *Silvio Romero*, seu amigo, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, onde há um capítulo dedicado ao "Dois de Julho" na Bahia, nele aparecendo algumas quadras alusivas à campanha da Independência (15). Outro caso é o d'*Os Sertões. Euclides da Cunha*, em 1902, divulgou, nas páginas da obra imortal, estrofes a respeito de *Antônio Conselheiro*, chamando a atenção do leitor para a importância dessas manifestações da lira popular "Os rudes poetas", disse *Euclides* "rimando-lhes os desvarios em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixaram bem vivos documentos nos versos disparatados que temos pensando como *Renan*, que há, rude e eloquente, e segunda Biblia

- 13) Romero (Silvio) Cantos Populares do Brasil — Lisboa 1883 — 2.º volume pags. 77 e 78.
- 14) Romero (Silvio) Cantos Populares do Brasil — Rio — 1897 — pg. 320.
- 15) Morais (Melo Filho) — Festas e Tradições Populares do Brasil — Rio — Fauchon, Cia. — Livreiros Editores — pags. 113 e 124.

do gênero humano, nesse gaguejar do povo" (16). *Silvio* conhecia a obra do eminente escritor tendo sôbre ela falado longamente. Não podia, portanto, deixar de mencionar a contribuição que *Euclides da Cunha* trouxera ao *cancioneiro popular histórico*. Ainda podemos lembrar outras fontes que o crítico brasileiro naturalmente per-
 lustrara, a saber: "História do Brasil Reino e Brasil Império", de *Alexandre Melo Moraes* (o velho), vindo à luz da publicidade em 1871; "Cancioneiro do Norte", de *Rodrigues de Carvalho*, publicado em 1903 e "Folclore Pernambucano", de *Pereira da Costa*, que constituiu o tomo LXX, parte II, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ano de 1908. O primeiro *Melo Moraes* — cuja obra *Silvio Romero* indiscutivelmente lera, tanto assim que sôbre ela se manifestou na qualidade de crítico — reuniu poesias populares, se bem que pequeno número, a respeito de *Luiz do Rego*, do *Conde dos Arcos*, e da Revolução de 1817 (17). *Rodrigues Carvalho* recolheu quadras sôbre *Luiz do Rego* (18). *Pereira da Costa* coligiu inúmeras peças relativas a acontecimentos históricos, sobretudo em Pernambuco, inclusive algumas da época colonial. E' inadmissível que *Silvio Romero*, um dos nomes mais em evidência na crítica literária no País, iniciador dos estudos de folclore no Brasil, desconhecesse os livros de *Rodrigues de Carvalho* e *Pereira da Costa*.

Caso, porém, o autor de "Doutrina contra Doutrina" não tivesse conhecimento dos trabalhos em tela, os outros livros aqui lembrados, que êle indubitavelmente examinara, seriam suficientes para modificar, ou pelo menos atenuar, o seu modo de julgar a participação dos poetas populares nas lutas políticas de nossa pátria. A verdade é que *Silvio Romero* tratou a questão apressadamente, sem realizar pesquisas apuradas, avançando uma tese inexacta, quando êle próprio já tivera, anteriormente, segura e perfeita visão da matéria. O celebrado inovador dos métodos críticos no Brasil in-

- 16) Cunha (Euclides). Os Sertões — Laemmert, Cia. — Rio — 1902 pg. 212.
 17) Moraes (Alexandre Melo) História do Brasil Reino e Brasil Império — Typ. Pinheiro Cia. — Rio 1871 — vol. 1.º pags. 93, 172 e 173.
 18) Carvalho (Rodrigues) Cancioneiro do Norte — Fortaleza — 1903.

correu, ainda em outro erro de observação, quando quiz explicar a presumida inexistência do *romanceiro político*, com o horror e desprezo do povo para com os homens de governos desonestos e compressores, quando sabemos que são justamente tais autoridades que mais sofrem as causticantes e saneadoras campanhas, saídas do seio do povo ou rapidamente popularizadas, através de versos e ditos irônicos e chistosos. As musas anônimas são mui poucolouvaminheiras. Os homens improbos — ou aqueles assim considerados — têm sido sempre vergastados nas canções e epigramas populares ou popularizados. Podemos apontar alguns casos. Ainda na fase do Brasil-Colônia, em Pernambuco, o governador José Cesar de Menezes, acusado de deshonestidades, foi severamente combatido.

José Cesar já lá se foi
 Já partiu a embarcação
 Pelo que estamos livres
 Desse tão grande ladrão (19)

Um pasquim surgido no Rio, no ano de 1812, causticava figuras importantes do govêrno.

Furta Azevedo no Paço
 Tagini furta no Erário
 E o povo afrito carrega
 Pesada cruz ao Calvário (20)

Estes — e muitos outros exemplos — indicam, claramente, a attitude que a lira popular assume diante dos maus governantes.

8 — Consideramos, hoje, indiscutível, a existência de uma poesia político-social, — e não somente social como disse *Silvio* — de carater popular, em nosso País. A chamada *musa anônima* não tem ficado indiferente ao desenrolar dos fastos de nossa formação social e política. Os menestres populares não tem permanecido inertes nos momentos tumultuosos da vida nacional. Cometerá grave injustiça quem julgar o vate popular um intelectual puro, unicamente preocupado com a lua, as estrelas, o mar,

- 19) Costa (Pereira da) — op. cit. — pag. 149.
 20) Calmon (Pedro) — História do Brasil na poesia do povo — Editora A Noite — Rio — pag. 95.

a fonte, a paisagem, a mulher, os amores. Ele tem estado sempre pronto para a luta, compenetrado dos seus deveres políticos. Os grandes acontecimentos históricos ou, às vezes, simples questões locais, mobilizam os aedos. Movimentam-se, inspirados, aqueles que, como "Martim Fierro", de *Hernandez*, cantam opinando:

Yo há conocido cantores
Que era um gosto el escuchar
Mas no quieren opinar
Y se divierten cantando
Pero yo canto opinando
Que es mi modo de cantar (21)

Aqueles que cantam como herói dos pampas, fazem de sua lira arma de combate, manejada, não raro, com absoluta eficiência. Cantar ajuda a viver. Consequentemente, a lutar. Braz do Amaral ensina que durante o movimento denominado "revolução dos chinelos" ou da "carne sem osso, farinha sem caroço", ocorrido na Bahia, em 1858, os manifestantes cantavam em altas vozes, de frente do Palácio. "Coplas espirituosas e algumas até obscenas", diz Braz do Amaral "eram cantadas em altas vozes ridicularizando o presidente, misturando a sua vida íntima com alusões grosseiras e imorais às irmãs de caridade e por mais de uma hora isto durou, voltando ao fim desse tempo a recomegar o apedrejamento" (22). Nos dias da agitação maiorista, quando o partido liberal defendia a antecipação da maioridade de Pedro II, o povo entoava essa quadrinha que fez época:

Queremos Pedro II
Embora não tenha idade
A nação dispensa a lei
E viva a maioridade (23)

Enaltecendo os grandes feitos, glorificando os verdadeiros he-

- 21) Hernandez (José) — Martin Fierro — Ediciones Centurion — Buenos Aires — pag. 137.
- 22) Amaral (Braz) — Recordações históricas — Tipografía Económica Porto — 1821 — pag. 226.
- 23) Souza (Otávio Tarquínio de) — História de Dois Golpes de Estado — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1939 — pag. 95.

rois, ridicularizando falsos profetas, censurando atos errados, verberando injustiças, julgando apaixonadamente, acompanhando, em suma, os altos e baixos da vida nacional, da vida estadual, da vida municipal, escutam sempre a palavra do poeta, vinda diretamente do seio do povo ou então aceita, adaptada, modificada por ele.

9 — Depois do estudo de *Silvio Romero*, inúmeras obras apareceram, no terreno da história e do folclore, com achéguas à organização do "*romanceiro político*", merecendo particular referência o "*Cancioneiro da Revolução de 1835*", de Apolinário Porto Alegre, que julgamos ter sido a primeira contribuição especializada no setor do folclore histórico brasileiro (24). Estas publicações, cuja relação apresentaremos na parte bibliográfica, vieram demonstrar, plenamente, que se podia elaborar, conforme lembrara *Alfredo de Carvalho*, uma "história popular" de nossa pátria. A tarefa de coordenar os subsídios dispersos coube a Pedro Calmon, com a "História do Brasil na poesia do povo". Livro que, segundo o próprio autor, "é uma antologia nova de documentos esparsos ou perdidos que coordenados cronologicamente, comentados e informados convenientemente, valem como uma contribuição direta do sentimento público às "fases decisivas" da vida nacional. O hinário plebeu — eis tudo! — corresponde afinal a um depoimento que tem seu lugar e a sua oportunidade no quadro das evocações brasileiras. Pela primeira vez vão dizer dos acontecimentos e das figuras os bardos sem nome" (25). O trabalho do historiador baiano, a primeira tentativa no gênero, deficiente, por isso mesmo, em alguns pontos, contendo matéria nem sempre de sabor folclórico, representa, sobretudo, expressiva e honesta demonstração da existência, entre nós, de uma poesia popular, ou popularizada, de feição político-social e os versos dessa coleânea, bem como muitos outros documentos conhecidos, parecem permitir a formulação de certas indagações no campo teórico ou doutrinário do *romanceiro político nacional*. Tarefa sedutora, sem dúvida alguma, que intentaremos realizar em outra oportunidade.

- 24) Porto Alegre (Apolinário) — Cancioneiro da Revolução de 1835. Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.
- 25) Calmon (Pedro) — História do Brasil na poesia do povo — Editora A Noite — Rio de Janeiro — pag. 5.